
MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. *Música e identidade no catolicismo popular: um estudo sobre a Folia de Reis e a Romaria ao Divino Pai Eterno em Goiás*. São Paulo: Terceira Via, 2020. 446p. 16x23cm. ISBN: 978-65-992184-1-5

Num tempo em que as diversas áreas do conhecimento afunilam-se e avançam em direções variadas, José Reinaldo Felipe Martins Filho se apresenta como ponto de contradição. Goiano “do pé rachado” e com intuições cosmopolitas, graduou-se em Filosofia, Teologia e Música. E, além de ter mestrado nesta última e naquela primeira, doutorou-se em Filosofia e em Ciências da Religião. Suas pesquisas compreendem desde os catolicismos – a gama que se estende permeando o oficial e os populares – até a fenomenologia, especialmente a heideggeriana. Paulatinamente encontram-se incursões sociológicas, antropológicas, literárias, litúrgicas e artísticas em seus estudos e produções. Nesse sentido, não seria exagero reconhecê-lo, em face de sua erudição enciclopédica acerca da cultura imaterial humana, como um verdadeiro polímata. A obra que examinamos aqui é fruto da premiada¹ tese de doutorado do autor, defendida em 2019, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, onde, atualmente, atua como docente.

Impresso em papel *polén* amarelado, o estudo sobre a Folia de Reis e a Romaria ao Divino Pai Eterno tende a afirmar que música é identidade no catolicismo popular. Neste caso, especialmente, naquele encontrado no Estado de Goiás. A disposição estrutural da pesquisa está seccionada em cinco capítulos. O primeiro resgata estudos teóricos que interseccionam os fenômenos religioso e musical. O segundo discorre sobre as ideias evocadas a propósito da cultura e da religiosidade quando ladeadas pelo adjetivo *popular*. O terceiro traz à baila a questão da identidade, desde a concepção essencialista grega, passando pelos estudos culturais da (pós?) modernidade e, mais pontualmente, sobre os elementos da identidade cultural goiana. O quarto capítulo, não mais puramente do campo teórico-conceitual, mas, fruto da incursão na realidade goiana, versa acerca da Folia de Reis e sua cantoria. O quinto e último, debruça-se sobre a Romaria do Divino Pai Eterno à cidade de Trindade e sua musicalidade. Nos textos introdutórios,

¹ Menção honrosa do Prêmio Capes de Tese 2020 da área de Ciências da Religião e Teologia.

merece destaque a apresentação urdida por Ângelo Dias, na qual sublinha a dimensão poética do texto. De igual modo, vale ressaltar o prefácio tecido por Clóvis Ecco que evidencia o caráter catalográfico da obra, tanto no que tange à sistematização do conhecimento disponibilizado através dos tempos, quanto na investigação das realidades contemporâneas. A seguir expomos de modo mais detalhado as sendas palmilhadas pela pesquisa de Martins Filho a fim de que, em posse de suas ideias gerais e conclusivas, possamos tecer nossas apreciações.

O primeiro capítulo dispõe premissas que conduzem à conclusão de que a música e a religião sejam filhas gêmeas de um mesmo parto: a necessidade de simbolização humana (p. 30). Dito de outro modo: ambas são formas correspondentes de como a humanidade se porta em relação ao mundo (p. 47). O fio condutor aponta para o fato de que a fundação e a manutenção do mundo, tal como cada cultura o concebe, passa, invariavelmente, pelo processo de criação de sentido. Esse, por sua vez, resulta na simbolização. A experiência religiosa condensa os significados fundantes nas culturas humanas e, por não o fazer a partir da perspectiva puramente racional, ela evidencia um domínio humano anterior à racionalidade. Nesse âmbito, os símbolos funcionam como linguagens que materializam as realidades sagradas e os mitos e ritos atuam como elementos de perpetuação da experiência religiosa, que depois será institucionalizada em igrejas e/ou seitas e passará a contar com sacerdotes, profetas e/ou magos. É o resultado desse processo que garantirá a *nomia*, a coesão social. Por sua vez, a música destaca-se entre as artes como o primeiro exemplo daquilo que é capaz de extrapolar o que é puramente racional. Aliás, a linguagem musical é capaz de integrar, dialogicamente, criatividade e emoção a razão e sentimento (p. 84). Assim como a religião, ela coloca o céu e a terra em contato ao conjugar as dimensões do racional ao não-racional (p. 90) e o faz aos moldes da ação ritual, de modo a instaurar e reinstaurar o mundo ao celebrar os significados fundamentais da cultura e ao criar, também por meio da capacidade festiva que porta, outra ordem espaciotemporal. Dito de modo sintético: música e religião estão carregadas da mesma capacidade de extrapolação do primado da razão pretendido pela modernidade.

O segundo capítulo traz à baila o catolicismo popular. Popular, aqui, diz respeito não àquilo que é entendido simplesmente como coisa do povo ou dos pobres, mas sim como “sistemas de alta complexidade simbólica, estética e material” (p. 111) que fundamentam as culturas humanas, isto é, suas crenças, simbolizações, danças, cantos, vestuários e ritos. Nesse sentido, o popular é entendido como contraposição ao erudito. Aliás, no âmbito do catolicismo, o popular – que neste caso é contraposto ao catolicismo oficial identificado à dimensão institucional da Igreja Católica – apresenta uma vivacidade criativa e plural na qual os leigos são protagonistas e guardiões de impulsos originários do cristianismo que, algumas vezes, parecem mais fiéis às intuições primordiais que as contidas pela instituição. Um exemplo

sobre o qual o autor discorre longamente é aquele da consciência acerca da comunhão dos santos, expressa tanto na relação de confiança dos fiéis com os santos dos quais esperam a intercessão junto a Deus, quanto na aura sacral que os mortos adquirem passando a intermediar também, de certo modo, as relações entre céus e terra. As devoções ligadas às imagens dos santos, suas festas e romarias aos seus santuários, muitas vezes à margem do controle institucional e carregadas pela participação afetiva e efetiva dos indivíduos, evidenciam o quanto as realidades sagradas e a vida comum não se distinguem no catolicismo popular.

O terceiro capítulo faz jus ao prefácio de Ecco. O autor apresenta uma panorâmica bastante catalográfica acerca do conceito *identidade*. Recorda que esta fora concebida pela filosofia, a princípio, como essência. Nesse ponto, destacam-se as figuras de Platão, Agostinho e Descartes, para os quais, cada um a seu modo, o homem é o senhor das ações que movimentam o mundo. Para eles, a propulsão que torna o homem central está no interior dele mesmo e pode ser traduzida como sua essência, sua razão. Na contemporaneidade, entretanto, as proposições de que o homem nem sempre é socialmente emancipado e a postulação freudiana do inconsciente, colocaram em xeque a antiga compreensão acerca do homem como sujeito consciente, racional e fornido de uma identidade fixa. Os estudos culturais, especialmente aqueles empenhados por Stuart Hall, compreendem o sujeito pós-moderno (o autor questiona se se trata mesmo de pós-modernidade ou se de um desdobramento ainda da modernidade) como um composto fragmentário de várias identidades amalgamadas a partir da interação entre indivíduo e sociedade. Nos interstícios entre uniformidade e singularidade, a noção de identidade essencialista foi superada pela identidade cultural. Nesse sentido, o fenômeno da globalização e a centralização identitária nos indivíduos gera crise nas comunidades e incide fortemente sobre as populações locais de modo a confluir para a hibridização das identidades que, então, passam a ser mais fluídas ou mesmo sincréticas. Feita tal análise, o autor passa a discorrer sobre a identidade cultural em Goiás, sobre a qual se tem registros desde os últimos três séculos e incluem indígenas, bandeirantes, o auge da busca por ouro e seu declínio, paróquias cartoriais em regime de padroado, agricultura e pecuária no cerrado, as construções das duas novas capitais, estadual e federal, em território goiano e a aparente consolidação de uma identidade goiana situada entre o urbano e rural. Em caráter de síntese integradora dos capítulos anteriores, a obra destaca algumas páginas intituladas *intermezzo*, que condensam os conteúdos apresentados e remete-os à pesquisa de campo acerca da Folia de Reis e da Romaria ao Divino Pai Eterno que comporão, respectivamente, os capítulos posteriores.

O quarto capítulo traça um perfil histórico e apresenta abordagens atuais do universo simbólico onde estão situadas as folias de reis. Mas a questão axial trabalhada pelo autor diz respeito exatamente à dimensão musical

das folias. Por isso apresenta como se dá a formação dos grupos de foliões, como se organizam os instrumentistas e cantores nas variadas composições encontradas no horizonte de seu estudo e ainda as características musicais dos hinos entoados nos giros. A música, na folia, é essencial. Ela garante os sentidos da festa comunitária e social, articula os rituais celebrativos e resguarda as dimensões fulcrais do cristianismo, como a fundamentação bíblica, a referência ao divino como Trindade e o reconhecimento de Jesus como Filho de Deus. Por esse motivo, é possível afirmar que a folia porta também uma capacidade evangelizadora. Além disso, a música dos foliões compõe uma interface entre os âmbitos da religiosidade e da cultura, de modo a garantir a interação que possibilitou a influência da folia na música caipira, religiosa e popular brasileira.

Por fim, o quinto e último capítulo enfoca a musicalidade produzida e cantada nas imediações da romaria do Divino Pai Eterno, realizada até a cidade de Trindade. A descrição histórica da devoção ao Pai Eterno lança luz sobre muitos aspectos da constituição eclesial católica do Estado de Goiás até desaguar nos tempos atuais. Hoje, a cidade de Trindade conta com dois santuários e, além de estar construindo um terceiro, investe em meios que viabilizam a crescente midiaticização da devoção. A romaria resguarda o caráter agropastoril que fora berço para tal religiosidade. Isso fica evidente, sobretudo, por meio dos carros de bois e tratores que rumam para a grande festa anual. A música, neste caso, emerge como aquela que condensa, contém e expressa a experiência de fé vivida no passado, além de portar as sementes que fazem germinar a cada dia as experiências do futuro. É nesse sentido que o autor afirma que a música é “linguagem da oração” e da “festa” (p. 400), por isso, capaz de garantir estratégias de propagação da fé e consolidar novas identidades devotas.

As conclusões de Martins Filho apontam na direção de que a música não seja simples incremento às relações sociais, mas, antes, condição fundamental à sua estruturação, já que funciona como linguagem simbólica capaz de fornecer sentido e sentimento de pertença ao indivíduo que constrói a própria identidade. Assim, ela atua como mantenedora da organização social, propagadora da crença e conservadora da cultura, ao passo que, preservando o passado e projetando o futuro, forma e sustenta as identidades individuais no seio da comunidade e da sociedade. Neste caso específico, da cultura goiana, tão marcada pela musicalidade das folias e da devoção ao Divino Pai Eterno, que são evidências do catolicismo popular praticado em Goiás.

A tessitura do escrito é bastante linear. O autor está preocupado em introduzir, explanar e concluir as ideias por meio de sínteses integradoras dos conteúdos abordados. E é bom que seja assim. Afinal, o diálogo é sempre feito com grandes autores das ciências humanas – a maioria, propositalmente, não citada aqui. Tal metodologia expositiva garante várias

coisas: 1º) o acesso com boa compreensão do texto por parte de sujeitos não familiarizados aos temas; 2º) sínteses generalistas muito propícias a estudantes que pesquisem fenômeno religioso, a temática da cultura e da identidade, matriz religiosa brasileira, história simbólica de Goiás e música religiosa popular; 3º) uma leitura bastante prazerosa, já que salpicada por elementos históricos interessantíssimos, sobretudo, no que tange às folias e à Romaria a Trindade; 4º) se presta ainda ao papel de atlas para um estudo da cultura popular e religiosa em Goiás, não no sentido catalográfico como aventado por Ecco, mas no sentido indiciário, a partir do qual é possível encontrar variados estudos e perspectivas acerca dos temas abordados.

Para Martins Filho, música, religião e identidade formam a janela pela qual os humanos enxergam e compartilham o mundo. Resta-nos concordar com o autor e imaginar, a partir dos cenários pintados por ele, que, em Goiás, por essa janela, passam graciosamente os foliões e os romeiros do Pai Eterno a cantar a fé e a boa notícia de tempos bons, que é o Evangelho em si. Diante do estudo do autor, parece incontestado que as caminhadas e a cantoria em folias e romarias continuam a forjar a identidade goiana, sempre cantadora e de fé.

Se você é goiano “do pé rachado”, a leitura dessa obra pode te ajudar a compreender-se. Se você é cosmopolita, amante de cultura popular, folião dos reis, romeiro do Pai Eterno, estudioso do catolicismo ou das ciências da religião, filósofo da contemporaneidade, músico ou curioso, a leitura de Martins Filho alargará os horizontes à frente de seus olhos acerca da capacidade inaudita que a música possui de constituir identidade e como ela o fez/faz a partir do cerrado goiano. É sempre difícil mensurar quanto do todo há na parte e o quanto a parte diz sobre o todo. No tempo em que o Brasil vive realidades bastante marcadas por fundamentalismos religiosos, revisitar algumas raízes da experiência religiosa popular brasileira pode ser iluminador.

*Ana Kelly Ferreira Souto Pinto **

* Doutoranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em filosofia. Licenciada em Filosofia e Pedagogia. Atualmente é professora da PUC-Goiás. E-mail: souto-ana@hotmail.com